



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Filosofia
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1U - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: 3239-4185 - secretaria@ifilo.ufu.br



COMUNICADO

ESPELHO DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA

EDITAL PROGEP Nº 11/2024

A Comissão Julgadora torna público o espelho de correção da Prova Escrita do concurso público para contratação de professor efetivo da Unidade Acadêmica - IFILO,

área: Filosofia, subárea: Filosofia Medieval

Parte 1. Dissertação

Tema sorteado: **O problema dos universais e a *translatio studiorum*: o encontro entre as filosofias grega, bizantina, árabe e latina.**

Espera-se que uma prova correta aborde os seguintes pontos importantes:

- 1) As origens remotas na discussão entre Aristóteles e Platão sobre a teoria das Ideias;
- 2) A origem medieval da discussão a partir do texto de Porfírio sobre as *Categorias* de Aristóteles;
- 3) A vertente bizantina e neoplatônica a partir dos comentários alexandrinos;
- 4) A formulação dos três tipos de universal *ante rem*, *in re* e *post rem* se configurando como uma espécie de síntese entre o pensamento platônico e o aristotélico por meio de uma perspectiva cristã (universais na mente divina);
- 5) A vertente latina a partir de Boécio e de suas traduções de Aristóteles e de Porfírio, retomada pela tradição cristã da Europa latina;
- 6) A discussão dos universais por Abelardo (realismo versus nominalismo) como um ponto de maturação do debate, na medida em que é na obra de Abelardo que se faz um inventário do *status quaestionis*;
- 7) A contribuição da transmissão árabe, herdeira do neoplatonismo grego, especialmente de Avicena e a noção de essência distinta da existência;
- 8) A incorporação no mundo universitário latino da teoria dos três tipos de universais a partir de Alberto Magno, pelo menos;
- 9) A “virada epistemológica de Tomás de Aquino, por meio de uma rediscussão e valorização do processo de abstração;
- 10) A “virada linguística” de Guilherme de Ockham e o nominalismo/conceptualismo, que acaba por valorizar uma concepção de universal como signo/significante e uma valorização do conhecimento do concreto/singular.
- 11) Explicitar, nesse percurso, o modo como foram transmitidos/traduzidos os textos desde a Grécia clássica até o mundo latino europeu do séculos XII-XIV, passando pela retomada da filosofia pela civilização islâmica e a reação bizantina a esse desafio cultural.
- 12) Desejável, mas não essencial, seria um desenvolvimento aprofundado do pensamento de um dos autores do longo período medieval, podendo cada candidato se valer de sua maior experiência em determinado autor.

Dentre as referências que poderiam ou mesmo deveriam ser citadas para a discussão desse problema, destacamos o livro clássico de Etienne Gilson, *A filosofia na idade média*; as obras de Alain de Libera, *La querelle des universaux* e *A Filosofia Medieval*; o artigo de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, “A questão dos universais revisitada” bem como sua obra *O que é filosofia medieval*; a coletânea Cambridge History of Medieval Philosophy, especialmente os artigos de Katerina Yerodiakonou sobre Bizâncio, de John Marenbon sobre o mundo latino e de Dimitri Gutas sobre a filosofia árabe.

Parte 2. Tradução de texto latino

Texto sorteado: Texto 7 – Francisco Suarez – *Disputas Metafísicas*

1. Qual é a causa material da metafísica? Qual a formal? Qual a eficiente?

Explicado o objeto e a essência desta ciência, era preciso dizer algo sobre suas causas; ora, como não ocorre nada próprio ou peculiar a ser dito sobre a material, a formal e a eficiente, deste modo, só falaremos sobre a causa final. Com efeito, a causa material desta ciência não é senão seu sujeito, que consta ser o intelecto, a não ser que alguém queira reduzir a matéria acerca da qual à causa material; ora, esta matéria não é outra senão o objeto da ciência, sobre o qual já se disse o bastante. Por outra, como a própria ciência é certa forma, não tem outra causa formal própria, mas tem sua essência ou noção formal, tem também um objeto, o qual, na medida em que confere a espécie, é dito ter certo aspecto de forma, pelo menos extrínseca. Finalmente, como esta ciência é adquirida, vem a ser pelos atos próprios como pela causa eficiente próxima, no que nada tem de especial além do que é comum às outras habilitações adquiridas. Portanto, só restam a explicar o fim e a função desta ciência; com efeito, estes dois estão de tal modo unidos no que se apresenta, que antes parecem ser um só. Ora, esta ciência, quanto à habilitação, é em vista de sua operação, que elicit de modo próximo; ora, isto é comum a toda habilitação, nem a habilitação desta ciência tem algo em particular, que necessite de nova explicação. Sobre a própria operação ou ato desta ciência dever-se-á explicar como se dá e que fim teme daí ficará estabelecida qual seja a necessidade ou utilidade desta ciência.

2. Qual é o fim da metafísica?

Digo, portanto, primeiro, que o fim desta ciência é a consideração da verdade em vista de si mesma. Assim ensina Aristóteles no livro XII da *Metafísica*, capítulo 2 e no livro II, capítulo 1, onde o prova, primeiro a priori, pois aquela ciência, que considera o que concerne às primeiras causas e princípios e às coisas mais dignas, é sobretudo em vista do conhecimento da verdade e em vista de si mesma. Com efeito, tais coisas são as mais aptas para serem conhecidas e o seu conhecimento é o que é desejável acima de tudo. Ora, esta ciência versa sobre o conhecimento das coisas e causas mais elevadas, como consta a partir do que dissemos sobre seu objeto. Portanto, esta ciência é sobretudo em vista de si mesma e em vista do conhecimento da verdade. Em segundo lugar, pois esta ciência não procura o conhecimento da verdade em vista da operação; portanto, em vista de si mesma; com efeito, não é possível encontrar um intermediário entre estes. O antecedente é provado por Aristóteles por um duplo indício. Um é que os humanos começaram a descobrir esta ciência por causa da admiração e do desconhecimento das causas; portanto, procuraram-na por causa do conhecimento e não por motivo de outra obra. O segundo indício é porque os humanos procuraram esta ciência quando tudo o que é necessário para esta vida lhes estava disponível. Não a procuraram, portanto, por causa de outra utilidade, mas para eliminar o desconhecimento e, assim, por causa do conhecimento da própria verdade. Em terceiro lugar, podemos prová-lo, pois a ciência que ordena o conhecimento à operação discute de perto sobre as coisas operáveis sobre o homem; ora, esta ciência não trata de tais coisas, mas dos entes mais nobres e das noções mais universais do ente e abstratas ao máximo.

Francisco Suarez. *Disputas Metafísicas* I-II-III. São Paulo: Editora Madamu, 2022. Disputa I, seção IV, 1-2. **Tradução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.**

ANSELMO TADEU FERREIRA

Presidente da Comissão Julgadora do Edital PROGEP 11/2024 - IFILO

PORTARIA DE PESSOAL UFU Nº 1160, DE 28 DE FEVEREIRO DE 2024



Documento assinado eletronicamente por **Anselmo Tadeu Ferreira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/04/2024, às 09:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5312840** e o código CRC **803917CC**.